



DOS GREGOS A SANTO TOMÁS DE AQUINO: HISTÓRIA DA ALMA NA PSICOLOGIA CLÁSSICA

*Lucas Daniel Tomáz de Aquino
Vitória Favoretti Meneguelli*

FROM THE GREEKS TO SAINT THOMAS AQUINAS:
HISTORY OF THE SOUL IN CLASSICAL PSYCHOLOGY



RESUMO: O presente artigo é uma investigação histórica a respeito das noções de alma e, conseqüentemente, seu desenvolvimento desde os gregos até culminar em Santo Tomás de Aquino. Objetiva-se demonstrar o histórico da concepção de alma adotada por diferentes filósofos ao longo do tempo até chegar em seu caráter científico da psicologia com Aristóteles e, mais adiante, com Santo Tomás de Aquino. A pesquisa consiste em uma revisão narrativa da literatura, onde teve como método a revisão bibliográfica de outras obras, incluindo livros e artigos científicos dentro da temática de estudo. Através dos resultados obtidos evidenciou-se



a importância de se estudar e resgatar a concepção da alma no campo dos saberes da psicologia para que se compreenda com mais exatidão a natureza humana em sua totalidade, aspecto este que foi abandonado com a psicologia moderna de viés experimental. Passaremos pela concepção de alma iniciada na mitologia grega, a *psyché*, o animismo e o mundo homérico, o problema mente-corpo, o *voûç* de Anaxágoras, a imortalidade da alma em Sócrates e o conceito tripartite de alma em Platão. Por fim, daremos vazão mais detidamente à questão da alma em Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, este último considerado o cume da Psicologia Clássica.

Palavras-Chaves: Alma. História da Filosofia. História da Psicologia. Aristotelismo. Tomismo.

ABSTRACT: This article is a historical investigation into the notions of soul and, consequently, its development from the Greeks until it culminates in Saint Thomas Aquinas. The aim is to demonstrate the history of the conception of the soul adopted by different philosophers over time until arriving at its scientific character in psychology with Aristotle and, later, with Aquinas. The research consists of a narrative review of the literature, where the method was the bibliographic review of other works, including books and scientific articles within the theme studied. Through the results obtained, the importance of studying and rescuing the conception of the soul in the field of psychological knowledge was highlighted, so that human nature in its entirety can be more accurately understood, aspect of which has been abandoned by modern psychology in favor of an experimental bias. We will go through the conception of the soul initiated in Greek mythology, *psyché*, animism and the Homeric world, the mind-body problem, the *voûç* of Anaxagoras, the immortality of the soul in Socrates and the tripartite concept of soul in Plato. Finally, we will look more closely at the question of the soul in Aristotle and Saint Thomas Aquinas, the latter considered the summit of Classical Psychology.

Keywords: Soul. History of Philosophy. History of Psychology. Aristotelianism. Thomism.

Introdução

Trata-se, a presente pesquisa, de uma revisão da literatura sobre a história da alma na psicologia clássica, passando pelo pensamento dos gregos até culminar em Santo Tomás de Aquino.

O artigo almeja demonstrar como a concepção da alma foi sendo pensada e sistematizada ao decorrer do tempo nos diferentes filósofos e como este conhecimento é de extrema importância para as ciências psicológicas. Visamos mostrar que a filosofia se faz imprescindível para uma clara compreensão do ser humano, e em especial, como que a ideia de alma é fundamental para a Psicologia.

O método adotado no presente trabalho foi o de revisão bibliográfica narrativa de outras obras já publicadas, incluindo artigos científicos e livros que abarcam a temática de estudo. O artigo propõe-se a analisar a noção de alma desde seus primórdios, passando pela sua concepção na mitologia, onde abordaremos os tópicos: Psyché, animismo e mundo homérico; Dionísio e o problema mente-corpo. Passando pela a noção de alma na filosofia pré-socrática, desde o devir de Heráclito à imutabilidade de Parmênides, englobando a multiplicidade da natureza e o voûç. Em sequência, discutiremos tais noções em Sócrates e em Platão. Por fim, contemplaremos as concepções da alma e sua profundidade na doutrina Aristotélico tomista, onde o tema foi sistematizado, e adquiriu caráter científico.

O estudo da alma, apesar de ter sido negligenciado com a modernidade, se constitui tema central na psicologia, visto ser o próprio objeto de estudo da mesma. Por isto, abandonar a temática da alma se constitui como algo contraditório dentro do campo do saber psicológico, já que o próprio nome “psicologia” designa o estudo da alma. Em relação a esta contradição, Gardeil afirma: “Por um paradoxo bastante curioso, o termo psicologia, ou ciência



da alma, tornar-se-á clássico no momento preciso em que os que entendem tratar desta matéria renunciarão, em grande parte, ao conhecimento da própria alma”¹³⁹.

Diante disto, evidencia-se uma impossibilidade de haver uma psicologia que não se atém aos aspectos mais profundos e elementares do ser humano. Salienta também este ponto, Gardeil: “Seja admitido, além disso, que uma psicologia do tipo experimental não pode julgar, em última instância, da profundidade dos problemas da alma, isto é, erigir-se em verdadeira sabedoria filosófica, pois tal função pertence propriamente à disciplina superior”.¹⁴⁰

Esperamos com este artigo, evidenciar a importância do resgate das noções metafísicas, em especial da alma para o pensar sobre a natureza humana.



1. A noção de alma na mitologia

1.1. Psyché, animismo e mundo homérico

A noção de alma para os gregos nasce de sua mitologia. Psyché é uma divindade que representa a personificação da alma¹⁴¹. O mito de Psyché (*anima*, lat.) foi narrado pelo romano Apuleio no *O asno de ouro*. Na alegoria, há uma purgação da alma humana em preparação para a felicidade, inclusive passando por obstáculos como o descer ao submundo em busca da *pyxis*. No

139. GARDEIL, Henri-Dominique Gardeil, *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: Psicologia, metafísica*. 2013. São Paulo. p. 9.

140. Ibid. p. 12.

141. Psicologia (ψυχή, transl. psyché) refere-se etimologicamente à alma.

mito, antes do casamento de Psyché com Eros (Cupido, *lat.*), Vênus dá *ambrosia*¹⁴² para Psyché, o que pode explicar parte da questão da “imortalidade da alma” para os gregos.

Apesar do mito e da personificação, a noção de alma para o animismo grego tem sua gênese em experiências de uma tomada de consciência do homem, acerca de sua realidade no mundo. As sociedades humanas, no decurso da história, acreditavam em potências - extrínsecas ou intrínsecas - as quais tinham capacidade de mudar o curso das coisas e dos acontecimentos.

Essa disposição de projetar desejos e temores em certas crenças anímicas, apresentada de variadas formas, não é, todavia, exceção dos povos que acreditavam na mitologia, como gregos e romanos: na literatura africana ocidental, por exemplo, há a crença em uma alma-sombra, cuja alma acompanha o estado de vigília e, a fim de não perdê-la, os africanos evitam expor-se ao sol do meio-dia¹⁴³.

A literatura de Homero foi como a Bíblia para os gregos da Antiguidade, a saber, antes dos pré-socráticos. Rhode diz que os poemas homéricos referem-se ante um fim em detrimento de um começo¹⁴⁴, o *sopro* exalado no instante da morte¹⁴⁵. É frequente

142. Bebida da imortalidade e longevidade na mitologia grega.

143. MUELLER, Fernand-Lucen, *História da Psicologia*, Companhia Editora Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1968, p. 4.

144. Op. cit.

145. Para os hebreus, este sopro pneumático que notaram os gregos é dado no livro do Gênesis, onde o homem recebe o sopro divino de Iahweh: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego (נִשְׁמַת *nishemat*) da vida, e o homem foi feito alma (נֶפֶשׁ *nefesh*) vivente”. Cf. Gen. 2, 7. Hoje é comum falarmos em “exalar o último suspiro” quando morremos etc. *Nefesh* refere-se ainda ao que na metafísica chamamos *ser*.



encontrarmos em vasos gregos, decorações com borboletas a escapar pela boca de um adoentado¹⁴⁶.

Um dos pilares da vida moral na *Ilíada*¹⁴⁷ era o temor do julgamento alheio. No entendimento dos gregos da Antiguidade, quando o homem dotado de consciência morre, a alma abandona o corpo e dirige-se para o Hades, a fim de lamentar seu destino.

Semelhança tal também pode ser vista, acerca dos atos humanos, na *Odisseia*: “Ora não venhas, solerte Odisseu, consolar-me da Morte, pois preferira viver empregado em trabalhos do campo”¹⁴⁸.

Apesar de nada nos dizer acerca da origem da alma, é certo que as obras homéricas nos falam sobre esta realidade humana: “Sepulta-me depressa, para que eu transponha os portões de Hades. À distância me mantêm afastado as almas, fantasmas dos mortos”¹⁴⁹.

Se a mitologia e a literatura de Homero, com sua característica heroica, fazem nascer a filosofia a partir da especulação racional da natureza e do homem, o problema mente-corpo, que até os dias hodiernos nos é motivo de investigação, foi tratado pelo culto a Dionísio e pelos pensadores jônicos.

1.2. Dionísio e o problema mente-corpo

O culto a Dionísio, filho de Júpiter e Perséfone, guardava já a problemática entre corpo e mente que terá seu ápice na psicologia

146. A letra grega psi (ψ) se remete ao desenho da borboleta também, notaram os antigos.

147. HOMERO, *Ilíada*, XVI, 850. Ed. Penguin-Companhia, São Paulo, 2013, p. 372

148. HOMERO, *Odisseia*, XI, 480. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2017, p. 132. Trad. Carlos Alberto Nunes.

149. HOMERO, *Ilíada*, XXIII, 70. Ed. Penguin-Companhia, São Paulo, 2013, p. 500. Trad. Frederico Lourenço.

platônica. Já para os dionisíacos, a alma, que provinha do além, nutria certa nostalgia e, ato contínuo, via a oposição do corpo que a aprisionava e a mantinha em cárcere para a felicidade eterna.

Temos no culto a Dionísio a importância dos sonhos, contra a ignorância dos psicólogos modernos em achar que Freud é o grande descobridor dos sonhos como papel decisivo na psicologia¹⁵⁰.

Este elemento de prisão do corpo será também levado a cabo no Mito Órfico: os Titãs, queimados pelo raio de Zeus, trazem dentro de si o *bem e o mal*. Desta dualidade nasce um motivo metafísico: a pluralidade, ou seja, o mundo. O corpo, que é elemento titânico, torna-se túmulo para a alma, que é elemento dionisíaco.

Libertar-se deste sepulcro corporal, portanto, é a liberdade e fim supremo, que se dá pela purificação ou ascese, pela vida órfica que repudia os prazeres do corpo. Após esta vida de purgação, ao fim e ao cabo, atinge-se a vida eterna após a alma participar de um grande banquete.

Poderíamos falar de muitas outras culturas da antiguidade, como por exemplo o *atman* ou alma individual no hinduísmo, a fim de escrever algo mais substancial. Todavia, este artigo reduz-se, em última análise, a uma introdução sucinta à história da alma que culminará em Aristóteles e Santo Tomás. Não devemos, contudo, desprezar a sabedoria mitológica, ou tomá-la como algo fantasioso: os antigos gregos eram politeístas e a partir das crenças nos mitos dava-se o início do germe da especulação filosófica que nasceria com os jônios¹⁵¹.

150. Aristóteles também já falava sobre os sonhos (*Parva Naturalia: De somno et vigilia; De Insomniis; De Divinatione per Somnum*). Santo Tomás falou também sobre “inconsciente” na *Suma Teológica* e sobre a “sublimação” como *caetitas mentis* no *De malo* etc.

151. Lembra-nos Carlos Nougué: “[diz] Aristóteles na *Metafísica* que o amante do mito é de certa forma um filósofo. Por quê? Porque duas coisas ele tem: (1) uma



2. A noção de alma na história da filosofia

2.1. Do devir de Heráclito à imutabilidade de Parmênides

A exigência racional para explicar a natureza e as coisas encontra seu ponto de partida nos pré-socráticos. Para Heráclito, cuja mobilidade e o devir engendram a máquina do mundo, soa quase impossível pensar em uma “psicologia” propriamente dita, isto é, do modo como conhecemos esta ciência em Platão e Aristóteles. Até porque resta-nos apenas fragmentos numerados de alguns pré-socráticos.

Contudo, já no princípio ordenador cósmico de Heráclito, i.e. o fogo, resulta também a “inteligência”, o “logos”, a “razão”. Acerca da alma, atribui-se ao Filósofo de Éfeso que “o que nos rodeia é dotado de consciência”¹⁵², além da teoria da alma universal e da alma humana. Portanto, Heráclito é aquele que postula “sua concepção do mundo na verificação das mudanças qualitativas que nos oferece a percepção sensível, dissolvendo todas as formas do real no eterno devir”¹⁵³.

Colhendo ideias sobre os órficos, ele ainda expressa que a vida do corpo é como a vida para a alma. Deste modo ele entendia a alma como o fogo ordenador da inteligência e da verdade,

representação do todo e (2) uma pesquisa desinteressada desse todo. Porém ele não tem os métodos científicos, sistemáticos da razão natural operando enquanto ciência filosófica.” Estudos Tomistas - Opúsculos II, Ed. Santo Tomás, Formosa, 2020, p. 149-150.

152. MUELLER, Fernand-Lucen, *História da Psicologia*, Companhia Editora Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1968, p. 16.

153. Op. cit.

não-úmida (pois a umidade é contrária ao fogo), além de uma alma sem limites e infinita, dada a penetração profunda de seu *logos*¹⁵⁴.

Em Parmênides com sua doutrina da imobilidade, indivisibilidade e imutabilidade do ente, há a mesma dificuldade quando falamos de uma real “psicologia”. Contudo, ele foi o primeiro metafísico grego, pois foi o primeiro a falar sobre o princípio metafísico por excelência, isto é, o princípio de não-contradição: o ser é e não pode não ser; o não-ser não é e não pode ser de modo nenhum.

Vemos no discípulo de Xenófanés que a alma é princípio e motor de vida e que enquanto está em perfeito equilíbrio, é composta de calor e frio. Sua ontologia, motor de todo seu pensamento, reside também no espectro da alma como sujeito de conhecimento, pois há uma subordinação do pensamento com a existência¹⁵⁵. Para ele, a alma é a causa da vida e da inteligência.

2.2. A multiplicidade da natureza e o voûç

Pitágoras foi o primeiro a falar sobre a transmigração das almas, doutrina acolhida na psicologia platônica a qual falaremos adiante. Esta doutrina, provavelmente colhida da filosofia oriental, defende “o trânsito da alma humana de um corpo a outro, supondo assim o atributo da imortalidade”¹⁵⁶.

Empédocles, cuja doutrina sustentava que o homem era composto pelos quatro elementos - a terra forma os sólidos do corpo, a água os líquidos, o fogo o intelecto e o ar a respiração e a vida -, defendia que o homem é um composto singular na ordem

154. REALE, Geovane, ANTISERI, D. *História da Filosofia 1 - Filosofia pagã antiga*. Paulus, 2007, p. 24

155. MUELLER, Fernand-Lucien. *História da Psicologia*, Companhia Editora Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1968, p. 19

156. BRENNAN, Robert Edward. *Historia de la psicología*. Ediciones Morata S.A, Madri, 1969, p. 32.



cósmica e a alma não pode subsistir fora do corpo e ambos são fruto de uma ordem natural orgânica. Apesar de não estar definitivamente sustentada em seu sistema filosófico, sua doutrina da metempsicose parece se remeter de algum modo a Pitágoras¹⁵⁷.

Contemporâneo a Empédocles, Anaxágoras sustentava que mais do que os quatro elementos, existe um agregado de partículas mínimas formadoras do universo, aquilo que adiante abrirá caminho para a filosofia dos atomistas e que Aristóteles chamará homeomerias (ὁμοιομεν). Anaxágoras, filósofo que Aristóteles disse ser o único sóbrio em meio a tantos ébrios, também tem sua contribuição à filosofia platônica com a teoria do sensível e do suprassensível, além de contribuir significativamente com a teoria da geração e corrupção na filosofia da Química aristotélica, isto é por agregações e desagregações.

No *Crátilo*, Platão, pela boca de Hermógenes e Sócrates, investiga o real significado de se a palavra *psyche* é adequada ao termo “alma” - em contraste com *corpo* como *soma* - e para tanto conclui com Anaxágoras que “a alma ou entendimento [é] o primeiro mantenedor e regulador da natureza”¹⁵⁸. O voûç para Anaxágoras é princípio e causa do entendimento humano. Vê-se assim uma clara distinção entre corpo e alma no homem, e os sentidos não se contrapõem ao voûç intelectual, imaterial e simples que, em sua psicologia, a tudo conhece¹⁵⁹.

157. Ibid. p. 35.

158. PLATÃO, *Diálogos: Teeteto - Crátilo, Crátilo, 400a*, Ed. UPFA, 1973, p. 141

159. FRANCA, Pe. Leonel, *Noções de história da filosofia*, Calvariae Editorial, 2020, p. 45.



2.3 A imortalidade da alma em Sócrates e o conceito de alma em Platão

Esta distinção contumaz entre corpo e alma iniciada pelos pré-socráticos é seguida pelo mestre de Platão através da distinção entre conhecimento sensitivo e conhecimento intelectual, apesar de Sócrates identificar vontade e inteligência¹⁶⁰.

Para Sócrates, o que vem dos sentidos deve passar necessariamente pelo crivo do intelecto, pois esta é a função precípua da razão; em outras palavras, o intelecto deve transformar em conceitos as imagens advindas da experiência sensitiva¹⁶¹.

Explica assim Robert Edward Brennan, O.P.: “Esta aptidão do conhecimento, de elevar-se acima das contingências da matéria, seguramente convenceu Sócrates da imortalidade da alma humana, ainda quando ele cria que a prova dialética desta imortalidade transcendia a capacidade de nosso entendimento”¹⁶².

Seguindo o mestre, Platão confere categoria moral e ontológica à alma humana. No livro V das *Leis*, texto que segue a *República*, o discípulo de Sócrates ousa dizer que a alma é aquilo que existe de mais divino e mais particular em nós¹⁶³. Para ele, a alma não comporta matéria, sendo portanto imaterial e sobrenatural¹⁶⁴.

160. Ibid. p. 62

161. BRENNAN, Robert Edward. *Historia de la psicología*. Ediciones Morata S.A, Madri, 1969., p. 37

162. Op. cit. Tradução nossa.

163. PLATÃO, *Diálogos (VIII): Leyes*. Editorial Gredos. Madrid, 1999. Em certo momento do texto, Platão diz que a educação é a criança que conduz a alma (cf. p. 228). A educação, para ele, modifica a alma e a leva a um estado de equilíbrio.

164. PLATÃO, *Fédon*, 92b. Ed. UFPA, 2002, p. 145.



Mueller é quem aponta todas as características da alma para Platão: “a alma possui desde sempre a verdade; é o princípio de todo movimento; simples e indivisível, portanto não composta, escapa forçosamente à decomposição; é capaz de uma reminiscência que lhe prova a existência anterior; participa da idéia de vida, acha-se investida de atividade eterna, exclusiva da morte”¹⁶⁵.

Na metafísica platônica, o Mundo das Ideias é uma espécie de protótipo perfeito do mundo sensível, este último sujeito a imperfeições, em oposição às formas perfeitas. Esta teoria será acolhida pelos neoplatônicos e de modo especial por Santo Agostinho, cujo hiperurânio (ὑπερουράνιον τόπον) o Doutor da Graça colocará como sendo as formas exemplares na mente de Deus.

A alma humana em Platão, portanto, tem origem divina. A alma move-se por si mesma e, via causalidade extrínseca, relaciona-se com o corpo¹⁶⁶ e é preexistente ao mesmo corpo, conforme ele expressa em diversas obras: *Fédon*, *As Leis* etc.

Seguindo o mestre Sócrates, Platão defende a imortalidade da alma a partir da preexistência da alma em relação ao corpo e também através da doutrina da metempsicose e é justamente pela questão da imortalidade da alma humana que ele busca uma investigação racional da natureza humana.

Para ele, há uma tripartição da alma humana – cuja analogia ele faz com as três castas da pólis no livro *República*, a saber: o *baixo-ventre* que simboliza o povo, o *peito* que simboliza os guerreiros e por fim a *cabeça* que simboliza a razão, daí sua conhecida teoria do Filósofo-Rei.

165. MUELLER, Fernand-Lucien, *História da Psicologia*, Companhia Editora Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1968, p. 36.

166. BRENNAN, Robert Edward. *Historia de la psicología*. Ediciones Morata S.A, Madri, 1969, p. 39.

Da tripartição da alma platônica, a única parte anímica sujeita à imortalidade, portanto, é a parte intelectual, situada na cabeça e local corpóreo da razão.

O irascível e o concupiscível, por exemplo, que se situam no peito, mais precisamente no coração e no abdômen, desaparecem com a morte humana. A parte intelectual, por sua vez, é imortal: o conhecimento, para Platão, apesar de começar nos sentidos, não alcançam premente a vontade por estarem restritas ao mundo sensível e contemplarem apenas as cópias imperfeitas das coisas¹⁶⁷.

Esta impossibilidade explica de certo modo o destino da alma para Platão: a alma sujeita ao mundo sensível e imperfeito, presa à matéria e ao devir, almeja livrar-se do corpo que a mantém refém como que numa pujante dicotomia: o destino da alma é regressar indefinidamente através da metempsicose até sua “pátria de origem”, livrando-se assim do mundo material e imperfeito.

Da psicologia de Sócrates e Platão, Aristóteles acolherá algumas coisas e rejeitará a maioria para alcançar sua psicologia filosófico-científica a partir da alma humana. Doutrina esta que foi aceita no séc. XIII por Santo Tomás de Aquino, que inclusive comentou o *De anima*, dentre outros tratados psicológicos e biológicos do Estagirita, além de ser adotada também pelos seguidores de Tomás de Aquino, os doravante chamados “tomistas” na História da Filosofia.



167. Ibid.



3. A alma em Aristóteles e Santo Tomás

de Aquino: o cume da psicologia clássica

A concepção de alma, como visto anteriormente, era distinta entre os filósofos, e pouco precisa. Pode-se considerar que a partir de Aristóteles, esta ideia ganhou uma forma mais desenvolvida, e até mesmo científica¹⁶⁸. Através do livro “*De anima*”, Aristóteles sistematizou este conceito através de suas investigações, contribuindo assim amplamente no estudo antropológico e conseqüentemente psicológico. Com isto, é possível afirmar que o livro *De anima* é considerado o primeiro tratado psicológico¹⁶⁹ de fato, por abordar o tema da *psyché* humana.

Na perspectiva clássica, tratar da alma humana é tratar da psicologia. Numa pesquisa como esta, portanto, os dois temas são inseparáveis; são um só, na verdade.

É válido salientar que o termo Psicologia não era utilizado entre os filósofos gregos, e também não foi visto nas obras de Santo

168. GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino; Volume II; Psicologia, Metafísica*. Paulus. São Paulo, 2013, p. 12: “É preciso reconhecer que, mesmo tendo um acentuado caráter racional, a Psicologia Antiga era também, a seu modo, empírica, se não experimental. No aristotelismo, em particular, parte-se sempre de um dado controlado: um empirismo moderado, onde a explicação prolonga e sistematiza de maneira feliz a experiência (...). Em resumo, a psicologia compreende uma única ciência da alma, empírica e racional ao mesmo tempo.”

169. DINIZ, Bruno Vieira. *Princípios de uma psicoterapia à luz de Santo Tomás de Aquino*. Editora Lux, São Paulo. 2021. p 55: “Aristóteles pode ser considerado o ‘pai’ da Psicologia. Isso porque o primeiro tratado sistemático e científico sobre a alma foi certamente o seu livro *Peri psyché*, escrito em grego, traduzido posteriormente para o latim como *De Anima*, que significa *Sobre a alma*.”

Tomás; contudo, apesar da ausência do termo, as investigações e concepções da Filosofia Aristotélico-Tomista tratam justamente sobre psicologia. Em Aristóteles encontram-se os conhecimentos psicológicos presentes especialmente nos tratados sobre ética¹⁷⁰, onde discorre sobre o desenvolvimento da personalidade e sua profunda relação com as virtudes¹⁷¹, sendo estas, imprescindíveis para o amadurecimento da personalidade humana¹⁷².

Como dissemos anteriormente, a palavra psicologia deriva do grego “*psyché*”, que quer dizer alma. Dessa forma, a etimologia¹⁷³ da palavra significa *discurso* ou *ciência da alma*, termo abandonado

170. ECHAVARRÍA, Martín. *A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. 2021, p 41: “Mas quando se trata da história da ‘Práxis da psicologia’, o ponto de referência fundamental são, antes, as Éticas, nas quais o Estagirita expõe sua concepção sobre o desenvolvimento da personalidade humana.”

171. DINIZ, Bruno Vieira. *Princípios de uma psicoterapia à luz de Santo Tomás de Aquino*. Editora Lux, São Paulo. 2021, p 175-191. As virtudes são consideradas hábitos operativos bons que levam ao aperfeiçoamento da personalidade. São categorizadas em sete; sendo quatro cardeais: prudência, justiça, temperança e fortaleza; e três teologais: fé, esperança e caridade.

172. ECHAVARRÍA, Martín. *A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. 2021, p 43. “Em suas Éticas, Aristóteles desenvolve com amplitude e profundidade quase todos os temas que interessam ao desenvolvimento da personalidade, firmando definitivamente as bases do estudo do caráter: o sentido da vida (o fim último), o caráter em seu crescimento positivo (virtudes) ou em suas deformações (vícios), os estados intermediários entre ambos (continência e incontinência), e os excessos em ambas as direções (bestialidade e paixões patológicas, e virtudes heróicas), as relações interpessoais (a amizade), a plenitude da vida (o prazer e a felicidade), a educação do caráter, etc.”

173. *Ibid.*, p. 28: “Seu sentido etimológico é “ciência ou discurso sobre a alma”. Contudo, seu sentido semântico sofreu importantes modificações, tanto devidas aos avatares da noção de “alma” ao longo da história da filosofia, como a outros fatores culturais”.



com o decorrer do tempo¹⁷⁴, especialmente após o surgimento da psicologia experimental de Wilhelm Wundt, que ocasionou a ruptura entre o conhecimento filosófico e psicológico¹⁷⁵, acarretando em uma psicologia moderna e experimental, com uma visão fragmentada, positivista¹⁷⁶ e reducionista do homem, e por

174. Ibid. p. 37: “É conveniente, ao começar um discurso sobre qualquer tema, saber do que se está falando. Por este motivo, a filosofia clássica começava sempre pela definição do nome (*quod significatur per nomen*). Que se entende pelo nome de “psicologia”? Geralmente, há dificuldade para descobrir que, antes do século XVIII ou XIX, existia uma verdadeira psicologia, e isto em parte por conta de um problema terminológico. O uso do elemento compositivo “logia” para significar o discurso científico sobre determinada matéria é nomeadamente moderno - sendo talvez a única exceção a “teologia”, que já se encontra em Aristóteles, como sinônimo de “filosofia primeira” ou “sabedoria” (a metafísica). Em particular, o uso corrente de “Psicologia” - e de “Antropologia” -, embora tenha antecedentes remotos (s. XVI), popularizou-se somente a partir do século XVIII”.

175. ECHAVARRÍA, Martín. *Correntes de Psicologia contemporânea*. 2022. p. 527: “A Psicologia, ao centrar-se em fenômenos desligados de seu fundamento, acidentes e substância, condenou-se a si mesma à superficialidade. Talvez não seja um motivo menor das crises que invadem clinicamente a psicologia o haver negado seu mais básico ponto de partida: as noções de alma e de suas potências”.

176. DUARTE, Rafael Duarte. *Investigação Biográfica: Wilhelm Wundt*. 2016. p. 3: “O positivismo, consiste em não admitir como válidos cientificamente outros conhecimentos, senão os que procedem da experiência, recusando, por tanto, toda noção a priori e todo conceito universal e absoluto. O fato é a única realidade científica, e a experiência e a indução, os métodos exclusivos da ciência. Por seu lado negativo, o positivismo é negação de todo ideal, dos princípios absolutos e necessários da razão, isto é, da metafísica. O positivismo é uma mutilação da inteligência humana, que faz possível, não só, a metafísica, senão a ciência mesma. Esta, sem os princípios ideais, fica reduzida a uma nomenclatura de fatos, e a ciência é uma coleção de experiências, senão a ideia geral, a lei que interpreta a experiência e a traspassa. Considerado como sistema religioso, o positivismo é o culto da humanidade como ser total e simples ou singular.”

isto, deficitária¹⁷⁷, onde passou a ser considerada como a ciência da mente ou do comportamento humano, apenas¹⁷⁸.

A alma, assim definida por Aristóteles, é o princípio vital que anima o ser e lhe concede a forma substancial. Na filosofia Aristotélico-Tomista vemos a existência de uma tripartição da alma, ou seja, a alma possui três partes distintas, cada uma direcionada a um objeto específico, onde estão organizadas em uma hierarquia perfeita. Existe, então, a alma vegetativa, sensitiva e intelectual, e cinco gêneros de potências da alma, sendo elas: vegetativa, sensitiva, locomotiva, apetitiva e intelectual¹⁷⁹.

Esta doutrina foi seguida por toda a escola tomista, seja na escolástica barroca ou no neotomismo. No *Comentário ao 'De anima' de Aristóteles*, Cardeal Caetano de Vio (o grande Mestre Auxiliar de Santo Tomás de Aquino) diz que para o estudo da alma humana em Aristóteles, a história da alma deve ser posta em primeiro lugar. Depois ele dá a prova *a priori*, advogado que a alma é a mais excelente na certeza, bondade e na admirabilidade do sujeito. Diz que o conhecimento da alma é muito útil a toda verdade, e principalmente às ciências da natureza¹⁸⁰. A alma, ratifica o mestre de

177. ECHAVARRÍA, Martín. *A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*, p. 38.

178. DINIZ, Bruno Vieira. *Princípios de uma psicoterapia à luz de Santo Tomás de Aquino*. Lux. São Paulo. 2021. p 58: “Com o progresso do empirismo, cada vez mais psicologia (entendida agora como uma ciência no sentido moderno do termo) e filosofia foram se separando. A cisão foi quase definitiva com o advento da nova psicologia. Os novos psicólogos queriam como que “começar do zero” a psicologia, deixando para trás todas as especulações filosóficas e metafísicas sobre o tema.”

179. GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino; Volume II; Psicologia, Metafísica*. Paulus. São Paulo, 2013, p.43

180. A psicologia, em Aristóteles, era estudada dentro da chamada Física Geral (que trata do movimento em geral), gênero este que compreendia quatro espécies: biologia, química, cosmologia e psicologia, cada uma tratando



Gaeta, é o princípio dos animais, sejam eles racionais ou irracionais e indaga a substância da alma, depois os acidentes próprios ou não¹⁸¹.

Posto a existência desta hierarquia de acordo com a complexidade de cada ser, as plantas são entes que possuem somente a dimensão da alma vegetativa, enquanto que os animais possuem a vegetativa e sensitiva, e por fim, o ser humano possui todas as dimensões, vegetativa, sensitiva e intelectiva, por ser, dentre os entes, o mais perfeito e complexo. “O ser humano possui apenas uma alma chamada de intelectiva, pois recebe o nome do intelecto, que é a sua potência mais nobre. E a alma intelectiva inclui em si as potências inferiores.”¹⁸²

Ao que tange a alma vegetativa, esta possui três funções, a saber: nutrir, crescer e gerar. A função nutritiva é responsável pela conservação do ser, enquanto que a função de crescimento diz respeito ao movimento natural de se desenvolver até seu ponto máximo para atingir seu acabamento perfeito. Por fim, a gerativa está ligada à capacidade de produzir um ser semelhante. De acordo com Santo Tomás “a geração significa a origem de um vivente a partir de um princípio vivente unido, segundo uma razão de similitude, em uma natureza da mesma espécie”.¹⁸³

de um “campo” do movimento. A psicologia trata do ente segundo a alteração. Por isso, João de Santo Tomás no *Cursus Philosophicus-Thomisticus*, diz que a questão da alma enquanto está no composto é tarefa dada ao físico, enquanto a alma separada é tarefa de estudos do metafísico. Tudo isso corrobora mais ainda a independência científica da psicologia a partir de Wundt e da psicologia moderna e experimental.

181. VIO, Caetano de, *Comentário do De anima*, livro I, cap. I, Contra Errores, no prelo, p. 4.

182. DINIZ, Bruno Vieira. *Princípios de uma psicoterapia à luz de Santo Tomás de Aquino*. Editora Lux, São Paulo, 2021, p.106.

183. AQUINO, Santo Tomás de, *Suma Teológica*, I, q. 27, a. 2. Volume 1.

A potência sensitiva é o meio pelo qual o ente conhece a realidade material por meio do corpo e de seus sentidos, sem a matéria corporal a alma sensitiva se torna incapaz de exercer suas operações. Acerca destas, é João de Santo Tomás quem nos explica em seu *Cursus Philosophicus Thomisticus*: “as operações da alma racional, ainda que sejam independentes do corpo em si mesmas e na razão espiritual própria, ainda assim, dependem dele dispositivamente, porque são exercidas nesta vida dependentemente dos sentidos e dos fantasmas, e em razão desta dependência competem à natureza, assim como também a geração do homem é natural mesmo que a alma não dependa do corpo quanto ao ser, mas quanto à informação”¹⁸⁴.

A potência sensitiva possui os sentidos externos e internos. Os sentidos externos são classificados em cinco, sendo eles: Tato, visão, olfato, paladar e audição. Ao que tange aos sentidos internos, estes são responsáveis por apreender, unificar, reter e conhecer as realidades captadas pelos sentidos externos.¹⁸⁵

Assim, os sentidos internos são quatro, a saber: sentido comum, imaginação, memória e estimativa ou cogitativa. O sentido comum é responsável por captar a realidade material e unifica-la, formando assim uma imagem. Esta imagem formada é retida na imaginação, que a armazena. Já a memória possui a capacidade de evocar tais imagens com o aspecto da temporalidade, e além disso, pode

Ecclesiae. São Paulo. 1º edição. 2016, p. 322. Em outro sentido, S. Tomás diz, na mesma *Suma Teológica*, que geração também significa a passagem do não-ser para o ser e este é o segundo significado, aquele que ele diz no *Comentário à Geração e Corrupção de Aristóteles* e que significa o contrário da corrupção: passagem de ser para não-ser.

184. POINSOT, João (João de Santo Tomás), *Cursus Philosophicus Thomisticus - Philosophia Naturalis*. livro 2, IX.a. 2, L. Vives, 1883, p. 169. Tradução nossa.

185. Bruno Vieira Diniz. *Princípios de uma psicoterapia à luz de Santo Tomás de Aquino*. Editora Lux, São Paulo, 2021, p.110



também formar novas imagens a partir das que já possui. Por fim, a cogitativa é a faculdade que opera de modo a estimar o que é nocivo ou benéfico, atuando assim como um juiz moral sensível. Nos animais esta função recebe o nome de estimativa, e se apoia no instinto, enquanto que no ser humano recebe o nome de cogitativa por se fundar na razão. Dessa forma, através dos sentidos internos, o homem se torna capaz de abstrair e raciocinar.¹⁸⁶

Salienta assim Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto:

“Santo Tomás distingue os sentidos externos dos internos. Enquanto os primeiros captam a realidade exterior, os internos se encarregam, primeiramente, através do sentido comum, de sintetizar tais informações de modo a propiciar-nos a percepção. E em seguida, promovem a formação de uma imagem mental da realidade percebida, para o que atuam a imaginação, a memória e a cogitativa.”¹⁸⁷

No que diz respeito a potência locomotora, esta é responsável por fazer com que o ente se mova de um local para outro. Nos animais esta potência é movida pelo psiquismo sensitivo, onde não há a presença da consciência, já no ser humano, a potência locomotiva é dirigida pela vontade deliberada. Importante salientar que para que tal potência possa atuar plenamente, é necessário que o corpo físico e seus membros estejam aptos para tal. Sendo o homem um composto hilemórfico, possuidor de forma e matéria, o organismo necessita estar funcionando de acordo com sua natureza para que as potências da alma possam atuar.¹⁸⁸

186. Op. cit.

187. Lamartine de Hollanda Cavalcanti, *Contribuições da psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do Ethos*, São Paulo. 2012. p.115.

188. Diferente do que afirmavam os modernos, como por exemplo em René Descartes, percebemos uma noção de homem dualista, onde corpo e alma deixam de ser um composto; a alma deixa de ser considerada o princípio

Há ainda outro gênero de potência, denominado apetite. Entendemos por apetite a inclinação ou tendência para algo. Os apetites são classificados em três. Temos então o apetite natural, que é a inclinação associada à natureza do ente. No ser humano, a inclinação natural é a busca pelo conhecimento da verdade, assim como afirmava Aristóteles.

O segundo tipo de apetite é o sensível, que depende do conhecimento da realidade material, ou seja, é movido pelo objeto apreendido. Este apetite, por sua vez, se divide em outros dois, denominados concupiscível e irascível. O concupiscível é aquele que inclina o homem aos bens deleitáveis e de fácil alcance, enquanto que o irascível o inclina aos bens árduos.

Nos apetites concupiscível e irascível se encontram as paixões, que são precisamente o movimento oriundo do apetite sensível. As paixões são classificadas por Santo Tomás em onze tipos, das quais são dispostas em pares de opostos, com exceção da ira. As paixões do apetite concupiscível são: amor-ódio, desejo-aversão, alegria-tristeza. As paixões do irascível são esperança-desespero, audácia-temor, e ira.¹⁸⁹

de movimento dos seres vivos, e o corpo é concebido apenas como uma máquina que se move em função de seus órgãos. DESCARTES, René, *Meditações metafísicas*, Edipro, p. 60. “E como um relógio composto de rodas e contrapesos não observa menos exatamente todas as leis da natureza quando é mal feito, e quando não mostra bem as horas, do que quando satisfaz inteiramente ao desejo do artífice; da mesma maneira também, se considero o corpo do homem como uma máquina, de tal modo construída e composta de ossos, nervos, músculos, veias, sangue e pele que, mesmo que não houvesse nele nenhum espírito, não deixaria de se mover de todas as mesmas maneiras que faz presentemente, quando não se move pela direção de sua vontade, nem, por conseguinte, pela ajuda do espírito, mas somente pela disposição de seus órgãos.”

189. CAVALCANTI, Lamartine de Hollanda, *Contribuições da psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do Ethos*. São Paulo. 2012. p.152



Há ainda, o apetite racional, contudo, por ser racional, este não se situa na alma sensitiva, mas sim na alma intelectual, visto que é governado pela razão. Segundo Santo Tomás, a alma intelectual é composta pela potência do intelecto e da vontade.

O intelecto é a potência superior do homem, que busca conhecer o ente e a sua essência, e que não necessita da matéria, ou seja, dos órgãos para que possa atuar, diferente dos sentidos externos e internos. Através do intelecto o homem é capaz de conhecer e raciocinar, e assim chegar ao conhecimento da verdade, visto que a verdade é a adequação do intelecto à realidade. Tal potência é dividida em duas, o intelecto agente e o intelecto possível.

Ao que tange ao intelecto agente, este é responsável pelo processo de abstração, processo este imprescindível para que o homem possa alcançar a essência do ente. O intelecto agente é uma faculdade ativa, pois transforma o que está em potência em ato, ou seja, torna inteligível as formas captadas pelos sentidos, abstraindo os universais. O intelecto busca responder a indagação “*quid est*” ou “*quid sit*” (o que é?).¹⁹⁰ No processo de abstração, busca-se separar os aspectos essenciais dos acidentais via *divisão* de carências e perfeições¹⁹¹.

190. “A partícula *quid* advém da palavra latina *quidditas* que em tradução ao português significa quiddidade ou essência, isto é, é aquilo em que consiste ser a coisa, é *quod quid est*, literalmente aquilo que a coisa é. Se algo é essencial (ou quidditativo) ele faz algo ou alguma coisa ser aquilo mesmo que é, sem o que não seria o tipo de ente que é. Vemos aqui que a essência já significa algo como a *natureza* de um ente: a essência do cão é a canina, a do homem é a humanidade. Sem a natureza ou essência canina não se tratará de um cão, mas de outra coisa qualquer. Os escolásticos respondiam a “*quid est?*” com *quidditas*, indicando assim que só podemos responder a uma pergunta levando-se em conta a essência ou natureza das coisas”. Cf. AQUINO, Lucas Daniel Tomáz de, *Metafísica do ente e suas propriedades transcendentais*, Contra Errores, no prelo, p. 38.

191. “A divisão do gênero generalíssimo da substância, na Árvore de Porfírio,

Após o processo de abstração, o intelecto possível é capaz realizar três operações com a informação recebida do intelecto agente. As três operações do intelecto são: a simples apreensão, o juízo (ou composição e divisão) e o raciocínio. A atividade realizada pela simples apreensão é aquela que conceitua e define a substância apreendida¹⁹², enquanto que a operação de juízo visa julgar a veracidade ou falsidade do que foi captado. Por fim, a operação do raciocínio objetiva chegar a uma conclusão ou inferência lógica dos conceitos e juízos formados.

A vontade por sua vez, por ser um apetite, é aquela que faz com que o homem tenda para um bem ou um mal. Esta potência é iluminada pelo intelecto, do qual a partir disto, se inclina ou não para determinado objeto, por isto então a importância de o intelecto conhecer o bem, pois somente assim a vontade poderá se inclinar à ele. Pode-se dizer que o intelecto aponta para onde a vontade deve se inclinar.¹⁹³

começa com a separação entre viventes e não viventes, pois assim começa a vida orgânica e inorgânica. Um ser humano é uma substância e uma pedra também é uma substância. Todavia, a primeira coisa que nos separa é que o ser humano tem vida e a pedra não a possui. A divisão que damos aos seres, será sempre através de carências e perfeições. Um ser humano é mais perfeito do que uma pedra, pois a pedra não é um ser vivo, não possui alma vegetativa etc. Assim, vamos caminhando na escala de perfeição dos seres: um vegetal é mais do que uma pedra, uma esponja-do-mar é mais do que o vegetal, o cão, por ter mais sentidos, é mais do que a esponja-do-mar e o homem é mais do que todos estes serem acima citados, pois possui intelecto e vontade". Ibid. p. 40.

192. "Abstração (lat. *ab thraere*) é trazer os aspectos essenciais da imagem sensível. Esta imagem sensível é também chamada em latim de *phantasmata*, em português: fantasmas. É a primeira imagem que nos vem à mente a partir da experiência. É a partir da imagem sensível que alcançamos a definição ou conceito de algo". Ibid. p. 42.

193. CAVALCANTI, Lamartine de Hollanda, *Contribuições da psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do Ethos*, p. 117: "Acontecerá, por vezes, de



Posto estas considerações, na filosofia Aristotélico-Tomista, encontramos três definições da alma: 1. a alma é o primeiro princípio interno de movimento¹⁹⁴ do ente vivo: Ou seja, a alma é aquilo que faz com que o ente possa mover-se por si mesmo. Dessa forma, tudo que possui alma é capaz de mover-se em vista do fim que lhe é próprio; 2. a alma é a forma substancial do corpo¹⁹⁵: isso significa dizer que ela é a causa formal do corpo. A alma determina o que a coisa é, sua natureza, sua essência e sua finalidade; 3. a alma é

o apetite sensitivo entrar em choque com o racional. É o que ocorre, por exemplo, quando a razão mostra que certo alimento nos é inconveniente, mas a gula pressiona a tomá-lo, ou quando demonstra que não se deve agredir injustamente uma pessoa, embora a cólera mova nessa direção. Nesse antagonismo, a interação das potências intelectivas e apetitivas se mostra também de modo muito didático. Porém tal interação não se limita a esses eventuais conflitos. Ela ocorre continuamente, como é de experiência corrente. O ser humano é um todo, e se estudamos cada elemento desse todo em particular, fazemo-lo apenas por estratégia didática, para compreender melhor o funcionamento harmonioso do conjunto.”

194. SANTOS, Maria Eduarda Bandeira Cardoso dos, *A relação entre ato e potência na Metafísica de Aristóteles*, p. 113: “O movimento é definido por Aristóteles como a realização do que está em potência. Para melhor explicar isso, ele desenvolve uma teoria do movimento que tem como base os conceitos de ato e de potência. De acordo com essa teoria, o movimento é a atualização de algo que já se encontrava em um ente, enquanto potencial. Se o ser não é apenas ato, mas também potência, as coisas podem sofrer modificações sem deixar de ser, pois se tornar outro será o mesmo que a passagem de um modo de ser a outro. Uma coisa pode existir em ato e não em potência, ou em potência e não em ato, de modo que é possível que um ser que tem a potência de andar não ande, e ou que ande tendo o poder de não andar, e assim também em outros casos, como ver, pensar etc.. Aristóteles define o termo potência como princípio originador de mudança. As potências podem ser passivas (capazes de sofrer mudança), residindo no paciente que sofre a ação; ou ativas (capazes de produzir uma mudança em si ou em outro), residindo no agente.”

195. GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino; Volume II; Psicologia, Metafísica*. Paulus. São Paulo, 2013, p. 202.

o ato primeiro de um corpo físico organizado que tem a vida em potência.¹⁹⁶ Assim, entendemos que a partir do instante em que a matéria recebe a forma, ocorre o ato primeiro, e o ser passa a ser capaz de mover-se a si mesmo.

Diante das considerações expostas, a noção da alma e dos aspectos relativos à mesma se mostram de extrema relevância para a compreensão da Psicologia, onde é possível entender o funcionamento do ser humano, sua substância, suas potências e seus atos, enfim, todas suas particularidades.



Materiais e métodos

o presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde adotou-se como método a revisão narrativa de outras obras já publicadas, incluindo artigos científicos e livros a respeito do tema. A pesquisa ocorreu no período de setembro a novembro de 2023.

As revisões narrativas consistem na análise da literatura, onde fornece uma síntese narrativa e compreensiva de informações já publicadas. “Esse método de pesquisa se constitui em um instrumento de ensino, e é muito útil devido a construção e sistematização das informações, sendo muito utilizada para a discussão e descrição de diferentes assuntos e em diferentes campos de conhecimento¹⁹⁷.”

As bases de dados utilizadas para a presente pesquisa foram: Scielo, Pepsic, e BVS, além de livros físicos. Adotou-se como critério

196. ARISTÓTELES, *Da alma*. Edipro. São Paulo. 2011. p 54.

197. RIBEIRO, J. Revisão de investigação e evidência científica. *Psicologia, Saúde & Doenças*. p. 671-682, 2014.



de inclusão, obras em português, espanhol, inglês e latim, que tratavam do assunto, e que estão disponíveis para leitura na íntegra. Como critério de exclusão, não foram selecionadas obras que não tratavam da temática da alma na perspectiva da Psicologia Clássica.



Resultados

Foram utilizados na pesquisa 25 livros ao total, sendo 22 livros em língua portuguesa, 1 livro em latim, 1 livro em inglês e 1 livro em espanhol. Dos livros de psicologia, foram utilizados 8 livros, ao passo que de livros de filosofia foram utilizados 12 e quanto aos livros de literatura, foram utilizados 2 livros. Quanto aos artigos acadêmicos, a pesquisa utilizou-se de 3 artigos.



Discussão

Alma humana fora, desde os primórdios do pensamento, tema basilar e indispensável para entender propriamente o que é o homem, sem cair em dualismos psicofísicos, como os que ocorreram no materialismo corpóreo ou no espiritualismo. O significado destas descobertas do homem como um *composto*, tanto em nosso trabalho como nos anteriores - e até mesmo os que virão - ajudam-nos a mergulhar no microcosmos que é o homem, imagem e semelhança de seu criador como a causa está para o efeito.

De nossas limitações de pesquisa, nos deparamos com pouca literatura voltada especificamente à história da alma propriamente dita, cabendo-nos usar diversas áreas do saber para tal investigação científica, a saber: a literatura clássica, a psicologia e a filosofia.

Por fim, sugerimos empenho máximo de novos pesquisadores neste tema tão importante à antropologia e à psicologia clássicas, contra o reducionismo da atividade intelectual em detrimento de atividades neurológicas presentes hoje na psicologia contemporânea.



Conclusão

Através deste trabalho foi possível concluir que a alma sempre foi um tema de relevância no campo do saber humano, estando presente desde a antiguidade, tanto na mitologia, perpassando pelos pensadores pré-socráticos, se consolidando de forma sistemática em Aristóteles e atingindo o ápice em Santo Tomás de Aquino.

Com o advento da modernidade, que culminou no cientificismo, o estudo metafísico foi posto como um conhecimento supersticioso, e com isso, a alma, que antes era um tema central no estudo antropológico e psicológico, deixou de ser considerada uma verdade substancial entre os filósofos contemporâneos e foi excluída no modo de pensar e compreender o homem e sua essência. Consequentemente, a Psicologia passou a se ocupar somente aos aspectos empíricos e mensuráveis, ignorando verdades fundamentais para se compreender o ser humano em toda sua amplitude e suas dimensões.



Na Filosofia Aristotélico-Tomista, encontra-se um grande arcabouço do qual não se deve negligenciar no campo da Psicologia. Antes, porém, deve-se apropriar e buscar aprofundar-se para que se compreenda de forma integral o homem, não o dividindo em partes, mas buscando conhecer todos os aspectos que o envolvem. Como evidenciado na pesquisa, o homem é um composto hilemórfico, se constituindo assim de corpo e alma, e somente uma Psicologia que se ocupa desses aspectos pode entender a natureza humana de forma plena.

Há algo no homem que muda e se transforma, mas há algo que permanece, e esta verdade não pode ser omitida no campo científico da Psicologia. É justamente aceitando a alma como algo substancial que se pode compreender o movimento do ente segundo a alteração, as mudanças, as potências e os atos no homem. Como salientou Aristóteles no livro V da *Metafísica*: “Substância significa todas as partes presentes nas coisas que são definidoras e indicadoras de sua individualidade, e cuja supressão acarreta a supressão do todo”¹⁹⁸. A essência do homem sempre permanecerá a mesma, por isto, a Psicologia não pode ser desvinculada da Filosofia, que se constitui como um saber perene e imprescindível no estudo antropológico.

Posto isto, evidenciou-se com este trabalho a importância de se estudar e trazer novamente para o centro da Psicologia a concepção de alma, pois sendo ela o princípio vital que anima o ser e faz o homem distinto de todos os demais seres, não é possível compreendê-lo em sua totalidade sem a noção da alma, suas potências e sua essência.

198. Aristóteles, *Metafísica*. Edipro. São Paulo. 2012. p 144.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2ª edição. Edipro, São Paulo, 2012.

2016.

_____. *Da Alma*. 1º edição. Edipro. 2011.

AQUINO, Lucas Daniel Tomáz de. *Metafísica do ente e suas propriedades transcendentais*, Contra Errores, Brasília, no prelo.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Volume 1. Ecclesiae, 1º edição, São Paulo,

_____. Tomás de. *Suma Teológica*. Volume 2. Ecclesiae 1º edição, São Paulo, 2016. BRENNAN, Robert Edward. *History of psychology From the standpoint of a Thomist*. The Macmillan Co. New York, 1945.

_____. *Historia de la psicología*. Ediciones Morata S.A, Madri, 1969.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Edipro, 2018.

DINIZ, Bruno Vieira. *Princípios de uma psicoterapia à luz de Santo Tomás De Aquino*. 1 edição. Editora Lux. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/CAVCDP-2>. Acesso em: 09/11/2023.

DUARTE, Rafael. *Investigação Biográfica: Wilhelm Maximilian Wundt*. Brasil, 2016. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/322617305/Wilhelm-Maximilian-Wundt>. Acesso em: 10/11/2023.

ECHAVARRÍA, Martin F. *A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. 1º edição. Rio de Janeiro. Edição Centro Dom Bosco. 2021.

_____. *Correntes de Psicologia contemporânea*. Centro Dom Bosco. Rio de Janeiro. 1º edição. 2022.

FRANCA, Leonel. *Noções de história da filosofia*, Calvariae Editorial, Campinas, 2020.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino 2: Psicologia, Metafísica*. São Paulo: Paulus. 2013.



HOMERO. *Iliada*. Penguin-Companhia. São Paulo, 2013.

_____. *Odisseia*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2017.

MUELLER, Fernand-Lucen. *História da Psicologia*, Companhia Editora Nacional e Ed. da Universidade de São Paulo, 1968.

NETO, Lamartine de Hollanda Cavalcanti. *Contribuições da psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do Ethos*. Tese de doutorado. Universidade São Camilo, São Paulo. 2012.

NOUGUÉ, Carlos. *Estudos Tomistas - Opúsculos II*. Editora Santo Tomás, Formosa, 2020

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto - Crátilo*. Editora UPFA, Belém, 1973.

_____. *Fédon*, 92b. Ed. UFPA, Belém, 2002.

_____. *Diálogos (VIII): Leyes*. Editorial Gredos. Madrid, 1999.

POINSOT, João (João de Santo Tomás). *Cursus Philosophicus Thomisticus - Philosophia Naturalis*. L. Vives, 1883.

REALE, Geovane, ANTISERI, D. *História da Filosofia 1 - Filosofia pagã antiga*. Paulus, São Paulo, 2007.

SANTOS, Maria Eduarda Bandeira Cardoso dos. *A relação entre ato e potência na Metafísica de Aristóteles*. Maranhão, 2013. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/233155601.pdf>. Acesso em: 09/12/2023

VIO, Caetano de. *Comentário ao De anima*. Brasília, Contra Errores, no prelo.



Submetido em: **22/11/2023**

Aprovado em: **20/12/2023**